Sagrado Coração de Jesus (A)

Evangelho (*Mt* 11,25-30): Naquela ocasião, Jesus pronunciou estas palavras: «Eu te louvo, Pai, Senhor do céu e da terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequeninos. Sim, Pai, assim foi do teu agrado. Tudo me foi entregue por meu Pai, e ninguém conhece o Filho, senão o Pai, e ninguém conhece o Pai, senão o Filho e aquele a quem o Filho o quiser revelar.

»Vinde a mim, todos vós que estais cansados e carregados de fardos, e eu vos darei descanso. Tomai sobre vós o meu jugo e sede discípulos meus, porque sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para vós. Pois o meu jugo é suave e o meu fardo é leve».

«Vinde a mim (...) Tomai sobre vós o meu jugo e sede discípulos meus»

Fray Justo DÍAZ Villarreal OSA
(Città del Vaticano, Vaticano)

Hoje, o Senhor não nos oferece uma ideia, mas o seu Coração aberto. As suas palavras: vinde, tomai, aprendei (cf. Mt 11,28-29), são como três passos de uma mesma experiência. Primeiro chama-nos, porque sabe que o homem, quando se procura a si mesmo longe de Deus, acaba cansado da sua própria grandeza imaginada. Depois entrega-nos o seu jugo: não um peso que esmaga, mas um vínculo de amor que ordena a vida. Finalmente, convida-nos a aprender d'Ele, manso e humilde de coração, porque só a humildade abre a porta de uma vida com sentido e de uma verdadeira capacidade de amar e servir.

Santo Agostinho compreendeu-o admiravelmente: se o Altíssimo Se abaixou, por que razão se ensoberbece o homem? Quem pretende elevar-se sem Cristo acaba por se quebrar interiormente; quem se reduz à medida do Humilde entra na verdade. E a verdade não humilha o homem destruindo-o, mas devolvendo-lhe a sua forma mais bela: a de filho amado (cf. Serm. 70).

O Evangelho diz-nos, precisamente, que o Pai revela os seus mistérios aos pequenos (cf. Mt 11,25). Não se entra no Reino pela autossuficiência, mas pela pequenez reencontrada do coração crente.

Assim, o descanso que Jesus oferece não é evasão nem frieza perante o sofrimento do mundo. É a paz de quem já não precisa de defender o seu orgulho nem de o sustentar com falsas razões. É uma paz que permite amar, servir, carregar e esperar. O Coração de Cristo introduz-nos na história com uma liberdade nova, firmes na sua amizade e portadores da sua paz «desarmada e desarmante».

Por isso, ir a Cristo, ao seu Coração, é caminho de liberdade e de verdade. Tomar o seu jugo é caminhar unidos a Ele. Aprender do seu Coração é aceitar que a grandeza cristã não consiste em dominar, mas em servir a comunhão e a paz. Resumia-o belamente o Santo Padre Leão XIV: «Esta é a paz de Cristo Ressuscitado, uma paz desarmada e uma paz que desarma, que é humilde e perseverante. Que vem de Deus, do Deus que nos ama a todos incondicionalmente».

Pensamentos para o Evangelho de hoje

- «O Senhor crucificado é um testemunho insuperável de amor paciente e de humilde mansidão» (S. João Paulo II)

- «Só contemplando a humanidade sofredora de Jesus poderemos tornar-nos mansos, humildes, ternos como Ele. Não há outro caminho» (Francisco)

- «(...) o Sagrado Coração de Jesus, trespassado pelos nossos pecados e para nossa salvação é considerado sinal e símbolo por excelência... daquele amor com que o divino Redentor ama sem cessar o eterno Pai e todos os homens» (Catecismo da Igreja Católica, nº 478)

Outros comentários

«Vinde a mim, todos vós que estais cansados e carregados de fardos, e eu vos darei descanso»

Rev. D. Antoni DEULOFEU i González
(Barcelona, Espanha)

Hoje, quando estamos cansados dos afazeres de cada dia - porque todos temos cargas pesadas e às vezes difíceis de suportar - pensemos nas palavras de Jesus: «Vinde a mim, vós todos que estais cansados dos fardos, e eu vos aliviarei» (Mt 11,28). Repousemos n'Ele, que é o único que nos pode descansar de tudo o que nos preocupa e assim encontrar a paz e todo o amor que nem sempre o mundo nos dá.

O descanso autenticamente humano necessita de uma dose de "contemplação". Se elevarmos os olhos ao céu e rogarmos com o coração e, formos simples, com certeza encontraremos e veremos Deus, porque Ele está aqui («Eu te bendigo, Pai, Senhor do céu»: Mt 11,25). Mas não só está aqui, encontremo-Lo também no "suave jugo" das pequenas coisas de cada dia: no sorriso daquele menino cheio de inocência, no olhar agradecido daquele enfermo que visitámos, nos olhos daquele pobre que pede a nossa ajuda, a nossa bondade...

Repousemos todo o nosso ser e confiemos plenamente em Deus que é a nossa única salvação e salvação do mundo. Tal como recomendava S. João Paulo II, para repousar verdadeiramente, é necessário dirigir «um olhar cheio de gozosa complacência [ao trabalho bem feito]: um olhar "contemplativo", que já não aspira a novas obras, mas antes a gozar da beleza do que se realizou» na presença de Deus. A Ele, além do mais, devemos dirigir uma acção de graças: tudo nos vem do Altíssimo e, sem Ele, nada poderíamos fazer.

Precisamente, um dos grandes perigos atuais é que «o nosso é um tempo de contínuo movimento, que frequentemente desemboca no ativismo, com o fácil risco do "fazer por fazer". Devemos resistir a esta tentação procurando antes "ser" do que "fazer" (S. João Paulo II). Porque, na realidade, como nos diz Jesus, uma só coisa é necessária. (cf. Lc 10,42): «Tomai sobre vós o meu jugo e sede discípulos meus (...), e encontrareis descanso para as vossas almas.» (Mt 11,29).